
A Formação da Esfera Artística

Nildo Viana*



O presente artigo visa abordar o processo histórico de formação e consolidação da esfera artística que ocorre concomitantemente com o desenvolvimento capitalista e a alteração dos regimes de acumulação. Para tanto será necessário, preliminarmente, definir os conceitos de arte e esfera artística e, posteriormente, analisar o processo de constituição desta esfera em sua relação com a evolução dos regimes de acumulação.

Os conceitos de arte e esfera artística

A arte é considerada como uma produção humana bastante antiga. Alguns chegam a pensar que sua existência data da chamada “pré-história”, outros observam nesse momento o seu esboço. A arte, compreendida como “obra de arte”, nasce com o desenvolvimento da sociedade e tem sua consolidação com a emergência das sociedades de classes. Sem dúvida, para saber quando surgiu a arte é necessário esclarecer o que se entende por este conceito. É justamente devido à imprecisão conceitual ou determinados construtos¹ que se pode pensar que a arte é algo que sempre existiu.

Um antropólogo oferece um bom exemplo de tal concepção:

Os valores da arte contrastam fortemente com os valores da Economia. Diz-se comumente que a atividade econômica é uma necessidade, mas que a arte é um luxo. Entretanto, podemos afirmar empiricamente a universalidade da arte na história social do homem. O homem paleolítico, há dez mil anos ou mais, tinha suas estatuetas e suas pinturas rupestres, algumas das quais, que chegaram até nós, possuem tal mestria estética e habilidade dinâmica que evocam a admiração de artistas modernos. Mesmo nos meios naturais mais inóspitos, a arte

* Professor da Faculdade de Ciências Sociais/UFG – Universidade Federal de Goiás e Doutor em Sociologia pela UnB – Universidade de Brasília.

¹ Os construtos são falsos conceitos e, por conseguinte, unidades de um discurso ideológico (Viana, 2007a).

foi produzida. Os bosquímanos do deserto de Kalahari fizeram seus desenhos de animais e de homens, em um estilo austero, porém vívido. Os esquimós têm suas talhas em marfim de homens caçando, dançando, tocando tambores. Os aborígenes da Austrália têm esculturas simples de pedra e pinturas de animais em paredes de pedra, desenhos geométricos pintados em cortiça ou gravados em concha, e uma variedade de padrões elaborados de decoração cerimonial com penas e plumas e peles de animais. É fácil, portanto, refutar a ideia de que em estágios primitivos da existência do homem o tema da subsistência dominou sua vida a ponto de excluir as artes (FIRTH, 1974, p. 174).

Aqui observamos uma concepção segundo a qual a arte acompanha a história da humanidade, estando presente nas sociedades simples (ou “primitivas”)². Contudo, tal concepção só se sustenta a partir de uma determinada definição de arte. Firth não apresenta uma discussão exaustiva e nem aprofunda seu conceito de arte, mas fornece uma definição que justifica sua afirmação:

Uma obra de arte faz uma seleção de elementos da experiência, da imaginação e da emoção, e o faz de tal maneira que sua expressão formal e sua distribuição provocam em nós tipos especiais de reação, avaliações baseadas em nuances de sentimentos que chamamos de estéticos. Quando uma obra de arte é julgada esteticamente – e ela pode ser julgada do ponto de vista econômico, político ou religioso – é considerada basicamente com relação a suas qualidades formais: o arranjo de suas linhas, das massas, das cores, dos sons, do ritmo (FIRTH, 1974, p. 175).

A definição de arte apresentada pelo autor remete a apenas aspecto formal e técnico. Contudo, essa definição de arte é demasiadamente ampla e não dá conta da realidade do fenômeno artístico. Ela não aborda o conteúdo da arte. A arte é uma expressão figurativa da realidade (VIANA, 2007b) e isso significa que ela expressa sob a forma figurada uma determinada realidade. Essa forma figurativa manifesta sua essência: a arte é uma produção humana ficcional, na qual os seres humanos criam uma realidade fictícia intencional e conscientemente. O caráter intencional e consciente faz a arte diferir de outras manifestações que possuem aspectos formais semelhantes. Esse é o caso da suposta “arte primitiva”. A arte primitiva é uma expressão simbólica da realidade que não se enxerga como ficção, como criação figurativa intencional e consciente. Ela é produzida de acordo

² Não deixa de ser curioso como que grande parte dos antropólogos, apesar de questionarem o chamado “etnocentrismo”, busca, a todo custo, encontrar elementos de nossa sociedade nas sociedades simples. Claro que isso é até certo ponto “natural” (um ato espontâneo da consciência), mas em muitos casos não se trata de referencia cultural para se pensar o outro e sim de querer intencionalmente atribuir às sociedades simples aquilo que é de nossa sociedade. Esse é o caso até mesmo de antropólogos próximos ao anarquismo (CLASTRES, 1988). A motivação desse processo é uma recusa do preconceito étnico que, no entanto, manifesta preconceito étnico – ao invés de etnocentrismo, esse termo é, de nossa perspectiva, mais adequado (VIANA, 2009) –, pois para sustentar a não inferioridade das sociedades simples, atribuem a elas características da nossa sociedade, o que significa, no final das contas, que só não são inferiores porque se parecem conosco. Isso revela um preconceito étnico implícito que combate um preconceito étnico explícito.

com crenças de que o símbolo pode afetar o real, como algo que permite controlar ou influenciar a realidade. O próprio Firth fornece informações a este respeito:

Mas existe a questão de o quanto as artes são realmente encaradas por aqueles que se dedicam a elas como uma contribuição para a subsistência. Até que ponto a preocupação evidente na arte com animais, pássaros, e outros componentes do meio natural sugere que o homem primitivo estivesse preocupado com valores mágicos, valores totêmicos – para preservar a vida em geral, ou para mantê-la, fornecendo-lhe comida? O problema pode ser colocado de outra forma: até que ponto a escultura ou a pintura desse tipo significa o reconhecimento da arte como uma categoria de ideias à parte ou apenas um departamento ou te um subproduto da atividade econômica ou social? (FIRTH, 1974, p. 174-175).

Pois bem, Firth compreende que a arte é algo à parte e para justificar isso coloca a questão dos valores estéticos que remete ao problema da técnica e da forma. Aqui temos mais um exemplo de preconceito étnico: não somente mostra uma valoração da arte como ainda considera que a arte especializada de nossa sociedade é algo superior e que por isso atribui isso aos produtos culturais das sociedades simples. Os desenhos feitos nas cavernas, as entoações sonoras dos indígenas³, não constituem obras de arte, pois o objetivo era mágico e/ou utilitário, tal como a dança da chuva não é uma expressão figurativa da realidade e sim uma expressão simbólica não separada das demais atividades humanas, o que só acontece com a expansão da divisão social do trabalho nas sociedades classistas e mais ainda na sociedade capitalista. O objetivo da dança da chuva não é a criação de uma expressão figurativa da realidade e sim influenciar a natureza e promover a chuva.

Desta forma, a arte é uma expressão figurativa da realidade, o que pressupõe intencionalidade e consciência de seu caráter ficcional e, portanto, surge num determinado momento histórico da história da humanidade. A sociedade escravista grega é onde se consolida esse processo de produção de obras artísticas e o teatro grego é um dos grandes exemplos desse processo. As peças de Ésquilo e Sófocles, para citar dois grandes nomes do teatro grego, são obras de arte, expressões figurativas da realidade. A divisão social do trabalho permitiu a formação de uma atividade específica que proporcionava o desenvolvimento da criatividade. A partir da expressão simbólica da realidade existente anteriormente (especialmente o mito, base das peças teatrais gregas e de outras experiências artísticas da época) e das possibilidades criadas por uma sociedade fundada no trabalho escravo e numa mais ampla divisão social do trabalho, surge a arte propriamente dita. Contudo, a divisão social do trabalho ainda era limitada e não constituiu ainda a esfera

³ “Eram quase todas tribos amigas da música. Entoando cânticos guerreiros ou religiosos, tocavam a flauta de Pã e a buzina, enquanto com o maracá faziam o acompanhamento” (FIGUEIREDO, 1949, p. 230). Aqui se manifesta o caráter mágico ou guerreiro da entoação, que não constitui “música” propriamente dita.

artística. Por isso é importante distinguir arte e esfera artística. A arte de uma determinada sociedade é o conjunto das expressões figurativas criadas no seu interior e cada uma dessas expressões é uma obra de arte. Assim, temos o uso do termo arte como *manifestação particular, a obra de arte*, e como *conjunto de obras de arte*. A obra de arte expressa figurativamente uma determinada realidade, o que significa que toda produção artística é consciente de seu caráter ficcional e faz isso intencionalmente.

A arte pode ser entendida como obra de arte ou arte em geral, ou, ainda, como uma esfera especializada de produção artística. É nesse contexto que torna-se relevante o conceito de esfera artística. O conceito de esfera artística remete ao processo de expansão da divisão social do trabalho e criação de formas de trabalho improdutivo que compõem as formas de regularização das relações sociais. Com a emergência das formas capitalistas de regularização das relações sociais, marcadas por um processo de contínua especialização e mercantilização, ocorre a profissionalização de diversas atividades improdutivas⁴. A arte, a religião, a filosofia, etc. vão se autonomizando e separando, o que abre espaço para a formação ou separação de instituições especializadas. A intelectualidade começa a emergir como grupo social e posteriormente se torna uma classe social, sendo que os artistas formam uma fração desta classe.

É nesse contexto que surge as esferas sociais, que representa subdivisões na divisão social do trabalho intelectual⁵. O conceito guarda semelhanças com a colocação de Marx segundo a qual surge "arte propriamente dita" como produto da divisão social do trabalho. Trata-se de uma subdivisão da grande divisão social do trabalho que constitui as classes sociais. Nesse contexto, emerge a esfera jurídica, a esfera científica, a esfera artística, a esfera política, entre outras. O que Marx abordou como sendo aspecto da expansão da divisão social do trabalho, Max Weber irá denominar "esferas" (1971) e, posteriormente, Bourdieu (1992) denominará "campos" (e também já foi denominado "mundo", "ordens", etc.). Dentre estas diversas esferas, temos a esfera artística, composta pela categoria profissional dos artistas, ou seja, uma fração de classe da intelectualidade, classe social especializada no trabalho intelectual improdutivo. Cada esfera da vida social cria valores próprios, formas de legitimação, interesses específicos (aliados dos interesses gerais da classe à qual pertence), etc. Uma das características desse processo é a criação de um mundo hermético que se pretende acessível apenas para os especialistas que compõem a

⁴ Aqui utilizamos o conceito marxista de trabalho improdutivo no contexto da sociedade capitalista, que é todo trabalho que não produz mais-valor (VIANA, 2012; MARX, 1988).

⁵ O conceito de esferas sociais, bem como suas divisões e subdivisões, é abordado no livro *As Esferas Sociais*, a ser publicada em breve.

esfera ou a subesfera⁶. Em síntese, as esferas sociais são produtos e manifestações da divisão social do trabalho, constituídas por atividades especializadas do trabalho improdutivo que compõem as formas capitalistas de regularização das relações sociais. A esfera artística, por conseguinte, é manifestação de uma subdivisão do trabalho improdutivo especializada na produção artística realizada pelos artistas.

A Formação da Esfera Artística

A esfera artística emerge com a sociedade moderna. A formação da sociedade capitalista a partir da expansão da divisão social do trabalho e da mercantilização, permite a emergência de indivíduos especializados na produção artística. A obra de arte deixa de ser valor de uso e passa a ser valor de troca e sua separação em relação à religião – à qual estava subordinada na sociedade feudal (DILTHEY, 1992) – promove a criação de indivíduos que se dedicam de forma amadora à produção artística, mas que busca paulatinamente seu processo de profissionalização. A partir do século 16, com a emergência do capitalismo comercial, marcado pela predominância do capital comercial que fornece a primazia ao capital industrial, começa a se formar a esfera artística. Antes disso existia a arte sacra e a arte amadora ainda misturada com as demais atividades humanas e produções culturais.

O capitalismo comercial era caracterizado pelo predomínio do capital comercial e pela acumulação primitiva de capital, através do sistema colonial e pela formação do Estado absolutista. Tal predomínio do capital comercial foi produto da expansão mercantil. Nesse contexto, a burguesia em formação ainda não tinha o poder estatal e nem a hegemonia cultural e a nobreza perdia força e poder financeiro paulatinamente. Nesse contexto, a arte predominante era a arte cortesã e em processo de formação da esfera artística. O teatro, a música, entre outras manifestações artísticas iniciam seu processo de especialização e autonomização. Contudo, a supremacia ainda era da nobreza e a arte cortesã era a sua forma predominante. Além disso, a forma de remuneração predominante era o mecenato. A dependência do artista em relação ao mecenas, seja ele Médici, Marques de Pombal ou qualquer outro, se revela no processo sob o qual os artistas ainda não possuíam maior independência e autonomia, embora já tivessem iniciado o processo de especialização e separação, mas sob o signo da subordinação, especialmente à nobreza.

As próprias metamorfoses no mecenato acusam subtis permutações de poder. No mais carismático e referencial dos Médici o colecionismo é uma delas, pautando caprichos de gosto, mas procurando já o que os artistas têm a oferecer. Entre outros protectorados, Francesco II (reinado de 1574 a 1587) reúne

⁶ Cada esfera particular (artística, científica, etc.) cria subesferas, que são outra divisão do trabalho no interior de determinada esfera.

grande parte das pinturas e antiguidades da família numa “longa carreira cumulativa como coleção” e, “psicologicamente, isto foi um turning-point na história do mecenato dos Médici. Juntar obras em galerias, como Francesco fez nos Uffizi, é pensar historicamente, mais para aproximar-se dos pintores que esperar que se aproximem dele – tal como Francesco se aproximou de Barrocci, que apenas conhecia de reputação. O notável conjunto da coleção Médici que está nos Uffizi e no Palazzo Pitti é devido em grande parte à política da escolha deliberada introduzida por Francesco.” No século XVIII, Ferdinand II seria, como colecionador, “o mais perceptivo e deliberado dos Médici e provavelmente o único que merece a fama como connoisseur” (CONDE, 2012, p. 8).

O renascimento, o racionalismo e o iluminismo marcam um processo progressivo de estruturação de algumas esferas sociais, incluindo a artística. No século 16 reinava o amadorismo, substituído pela produção mais artesanal no século 17, até chegar à forma semiprofissional do século 18 e essas mudanças sociais no processo de constituição da esfera artística também se reproduz no plano da produção cultural, das representações e ideologias que vão emergindo.

A passagem da acumulação primitiva para a acumulação capitalista propriamente dita, com a instauração do regime de acumulação extensivo, marca algumas alterações na esfera artística e inicia o seu processo de autonomização sob forma mais ampla. A burguesia já possui, nesse momento, a supremacia financeira e as relações de produção capitalistas já são predominantes quantitativamente em alguns países. O processo de expansão das relações de produção tipicamente capitalistas e a força da burguesia como classe ascendente têm efeitos na vida cultural em geral, bem como na política, que irá se concretizar com o processo das revoluções burguesas. A corte do velho estilo é substituída pelos *salões* (HAUSER, 1972). A esfera artística, nesse contexto, ganha maior autonomia, se fortalece, e surgem os movimentos artísticos mais organizados, com destaque para o romantismo (HAUSER, 1972).

O desenvolvimento capitalista promove uma maior ampliação da divisão social do trabalho e da especialização, constituindo novas classes sociais, instituições e categorias profissionais. Nesse contexto, a esfera artística ganha uma maior autonomia. Segundo Bourdieu:

“... o processo da produção intelectual e artística é correlato à constituição de uma categoria socialmente distinta de artistas ou de intelectuais profissionais, cada vez mais inclinados a levar em conta exclusivamente as regras firmadas pela tradição propriamente intelectual ou artística herdada de seus predecessores, e que lhes fornece um ponto de partida ou um ponto de ruptura, e cada vez mais propensos a liberar sua produção e seus produtos de toda e qualquer dependência social, seja das censuras morais e programas estéticos de uma Igreja empenhada em proselitismo, seja dos controles acadêmicos e das encomendas de um poder político propenso a tomar a arte como um instrumento de propaganda. Tal processo de autonomização assemelha-se aos que ocorreram em outros campos como o direito e a religião. Em uma carta dirigida a Conrad

Schmidt, Engels observa que o aparecimento do direito enquanto tal, ou seja, como 'esfera autônoma', acompanha os progressos da divisão do trabalho que levam à constituição de um corpo de juristas profissionais. Segundo Weber, em *Economia e Sociedade*, o mesmo ocorre com a 'racionalização' da religião cuja 'autonormatividade' própria, relativamente independente das condições econômicas (que 'agem sobre ela apenas como 'linhas de desenvolvimento') deve-se ao fato de que ela depende fundamentalmente do desenvolvimento de um corpo sacerdotal, dotado de tendências e interesses próprios. Da mesma forma, o processo conducente à constituição da arte enquanto tal é correlato à transformação da relação que os artistas mantêm com os não-artistas e, por esta via, com os demais artistas, resultando na constituição de um campo artístico relativamente autônomo e na elaboração concomitante de uma nova definição da função do artista e de sua arte (BOURDIEU, 1992, p. 101).

A consolidação da Esfera Artística

A consolidação da esfera artística ocorre durante o regime de acumulação intensivo, que é quando Bourdieu observa a origem do "campo artístico" (1996)⁷. As lutas operárias (cujo exemplo maior foi a Comuna de Paris de 1871), a redução da jornada de trabalho, etc., marcou o processo de constituição desse novo regime de acumulação cuja dominação burguesa já estava consolidada e as classes decadentes derrotadas, sendo a dinâmica da luta de classes passa a ser fundamentalmente entre classe capitalista e proletariado. O capitalismo amplia a sociedade civil e suas formas de regularização, deslocando uma quantidade cada vez maior de pessoas para o trabalho assalariado improdutivo. O Estado cresce cada vez mais, bem como suas instituições (tal como escolas, universidades, etc.), gerando novas esferas sociais, bem como outras se ampliam ou consolidam.

Consequentemente e concomitantemente, a divisão social do trabalho se amplia ainda mais, o processo de especialização e tudo que lhe acompanha (racionalização, burocratização, mercantilização), promovendo uma expansão e especialização do trabalho intelectual, gerando uma maior autonomização das esferas sociais, tal como ocorre com a esfera artística. O surgimento das universidades modernas, do positivismo e da consolidação da esfera científica (bem como diversas outras), marcam as inovações, inclusive valorativas e ideológicas. A esfera científica, esfera *par excellence* da produção ideológica no capitalismo, produzirá sua autolegitimação com muito mais quantidade e sistematicidade, com a ideologia da neutralidade científica, da separação entre "fatos" e "valores" e criação de seu próprio "cosmo de valores", para usar expressão weberiana

⁷ Isso, significa, por conseguinte, que nossa concepção sobre a origem da esfera artística (o que Bourdieu chama "campo artístico") difere em matéria de época em relação ao que este sociólogo coloca. A origem da esfera artística começa a partir do século 16 e vai se desenvolvendo progressivamente, sendo que no século 19 ocorre a sua consolidação, o que está relacionado com sua integração na sociedade capitalista e nas instituições burguesas.

(WEBER, 1971). Nesse contexto, as instâncias de formação e reconhecimento, as ideologias e representações, etc., das esferas sociais, o que ocorre também com a esfera artística, se consolidam⁸.

Assim, a partir do final do século 19 se consolida a esfera artística, num momento em que isso também ocorre com outras esferas sociais. A sua autonomização atinge um nível elevado com todo um processo amplo de especialização, racionalização, mercantilização e burocratização. Ocorre a profissionalização e o “artista” se torna um profissional e neste contexto sua atividade torna-se cada vez mais racionalizada e especializada, criando regras próprias, um conjunto de técnicas e instituindo organizações, legislação, etc., e, juntamente com isso, valores próprios e ideologias. Se Flaubert e Manet anunciam a ilusória “arte pela arte” (BOURDIEU, 1996), acompanhados por Baudelaire e outros (FISCHER, 1978), e seguidos pelos parnasianos, logo surgem os ideólogos da autonomia da arte que sistematizam essa falsa consciência. As universidades instituem cursos de artes e há a proliferação de instituições modernas de ensino de arte.

... em *As Regras da arte*, Bourdieu quis mostrar que o campo literário no seu sentido mais autônomo surgiu no século XIX. E que o campo literário — no sentido de um campo que tinha uma autonomia forte na sua relação com o mundo social global — aparecia com o surgimento da figura de um criador sem limites, de um artista todo poderoso ou de uma relação puramente estética. E é a razão pela qual uma primeira parte do livro foi dedicada ao comentário de Flaubert, assim como o trabalho sobre Manet que Bourdieu levou a cabo nos últimos anos de sua vida, infelizmente muito breve. Parece haver um paralelo possível entre a arte pela arte dentro da literatura, tal como o exemplifica Flaubert, e uma forma de criação pictórica paralela, com artistas como Manet. E se há um vínculo entre estas figuras, Flaubert e Manet, e a ideia da autonomia do campo literário ou artístico no século 19, é porque, dizia Bourdieu, tanto Flaubert quanto Manet haviam imposto uma definição do artista sem dependências, começando com a ausência de dependência econômica, o que, num certo sentido, permite pensar um campo a partir de suas próprias propriedades. E a ruptura, a autonomia do campo, resultava, para Bourdieu, desse intenso esforço da parte de alguns criadores para romper com as formas de dependência social e econômica (CHARTIER, p. 43).

Kant, ainda no final do século 18, já anuncia a ideologia da autonomia da arte e abre espaço para novas incursões filosóficas nesse sentido (apesar das críticas e posições distintas). Kant é o ideólogo da divisão social do trabalho intelectual e ao criar diversos “mundos” apenas naturaliza e reproduz sob a forma filosófica as relações sociais marcadas pela divisão do trabalho da sociedade capitalista. No caminho aberto por Kant, outros ideólogos irão, no período histórico posterior, reproduzir a ideologia da autonomia da arte, tal como Benedetto Croce, na Itália.

⁸ Claro que isso não ocorre simultaneamente em todas as esferas sociais, pois algumas possuem desenvolvimento tardio e por isso a sua consolidação também é posterior.

A consolidação da esfera artística durante o regime de acumulação intensivo acompanha a mutações do capitalismo e marca a constituição de uma nova geração de artistas formados no interior de determinados valores, concepções e ideologias. Outros ideólogos criarão novas formas ideológicas, mantendo elementos básicos do processo de tal esfera. Obviamente que também haverá críticas, pois a esfera artística reproduz a luta de classes que se desenvolve na sociedade capitalista e isso se manifesta no seu próprio interior, indo desde a concepção de arte, de qualidade artística, a posição da arte e do artista na sociedade, entre diversos outros aspectos. O debate entre “arte pela arte” e “arte engajada” é apenas um capítulo da longa história da esfera artística. Os marginais da esfera artística acabam promovendo uma posição distinta que se reflete no seu interior e ao fazê-lo reforça a pressão das classes exploradas no seu interior. Contudo, a hegemonia pertence aos grupos elitistas da esfera artística e, secundariamente, aos grupos mercantis, que, com o passar do tempo ganham importância crescente⁹.

Esse processo é acompanhado pelo desenvolvimento dos movimentos artísticos e pela criação das “vanguardas” que são a expressão mais poderosa da autonomia relativa da esfera artística. O impressionismo, expressionismo, dadaísmo, surrealismo, entre outras manifestações, se desenvolvem e assumem um caráter de inovação periódica na produção artística. Novas subesferas começam a surgir e se fortalecer, tais como a subesfera cinematográfica e quadrinística. A profissionalização se torna crescente, bem como o processo de mercantilização. A obra de arte assume cada vez mais a forma-mercadoria e desta maneira começa a emergir a divisão entre arte erudita e arte comercial, a primeira de valor de troca mais elevado e para o público burguês e intelectualizado, ou seja, elitizado, e a segunda para o “grande público”, que mais tarde seria chamado de “massas”. No mesmo contexto, a arte engajada, produto da luta de classes, também acompanha as mudanças sociais e disputa com as demais o direito de legitimidade e reconhecimento, bem como a arte popular e arte ambígua (produzida pelos artistas que ficam entre a esfera artística e outras instituições, especialmente partidos políticos).

Esse processo sofrerá uma transformação mais radical com a passagem para um novo regime de acumulação, o conjugado (ou intensivo-extensivo) que marca uma época de subordinação crescente da arte ao capital comunicacional. Contudo, esse período ultrapassa os objetivos do presente texto, que visa abordar apenas o processo de formação (e

⁹ Obviamente que as reflexões de Bourdieu sobre o “campo artístico” são interessantes e contribuem com a compreensão da esfera artística, mas também possuem limites e desconsidera aspectos da realidade que devem ser incluídos na análise e, assim, se observa que apresentamos concepções semelhantes e também divergentes em relação à sua concepção. Para um maior esclarecimento dos limites e divergências, a leitura do livro *A Esfera Artística* (Viana, 2007b) é suficiente.

consolidação) da esfera artística, que vai da acumulação primitiva de capital até o regime de acumulação intensivo, na qual ela se consolida.

Considerações finais

O objetivo do presente texto foi apresentar a formação da esfera artística e seu processo de consolidação. Para tanto, nos limitamos a apresentar brevemente algumas alterações na sociedade capitalista, explicada a partir do conceito de regime de acumulação (Viana, 2009; Viana, 2003), e na esfera artística. O processo de mutação da esfera artística remete ao processo de mutação do capitalismo, dos regimes de acumulação. Sem dúvida, alguns aspectos não foram devidamente abordados e o serão em outras oportunidades, tal como as transformações da esfera artística no interior de um mesmo regime de acumulação. Contudo, consideramos que para os objetivos que nos propomos aqui – apresentar brevemente a emergência e consolidação da esfera artística – os apontamentos levantados foram suficientes e serão complementados em novos estudos a serem realizados.

Referências

- BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- BOURDIEU, Pierre. *As Regras da Arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- CHARTIER, Roger. *Bourdieu e a História*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- CLASTRES, Pierre. *A Sociedade Contra o Estado*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.
- CONDE, Idalina. Arte e Poder. *Cies E-Working Paper*; Nº 62/2009.
- DILTHEY, Wilhelm. *Teorias das Concepções de Mundo*. Lisboa: Edições 70, 1992.
- FIGUEIREDO, Edson. *Índios do Brasil*. São Paulo: Martins, 1949.
- FIRTH, Raymond. *Elementos de Organização Social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.
- FISCHER, Ernst. *A Necessidade de Arte*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- HAUSER, A. *História Social da Literatura e da Arte*. São Paulo: Mestre Jou, 1972.
- MARX, Karl. *O Capital*. Vol. 1. São Paulo: Nova Cultural, 1988.
- VIANA, Nildo. *A Consciência da História*. Ensaios Sobre o Materialismo Histórico-Dialético. Rio de Janeiro: Achiamé, 2007a.

VIANA, Nildo. *A Esfera Artística. Marx, Weber, Bourdieu e a Sociologia da Arte*. Porto Alegre: Zouk, 2007b.

VIANA, Nildo. *A Teoria das Classes Sociais em Karl Marx*. Florianópolis: Bookess, 2012.

VIANA, Nildo. *Estado, Democracia e Cidadania. A Dinâmica da Política Institucional no Capitalismo*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2003.

VIANA, Nildo. *O Capitalismo na era da Acumulação Integral*. São Paulo: Ideias e Letras, 2009b.

VIANA, Nildo. Raça e Etnia. In: VIANA, Nildo e SANTOS, Cleito Pereira dos (orgs.). *Capitalismo e Questão Racial*. Rio de Janeiro: Corifeu, 2009a.

WEBER, Max. *Ensaio de Sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.